

*Il faut vous rendre dans le paysage
des taupes. Il faut voir la vérité.*

ANTHONIS DE ROOVERE

Uma pequena bouça de pinheiros, dum verde cheio dessas cãs dos pinheiros como vassouras amolecidas pelo uso, estendia-se ao sul; tratava-se de árvores adultas, cascudas, ligeiramente flectidas pelo vento durante o crescimento. Alguns cogumelos cresciam nos troncos e anunciavam a sua decrepitude, apesar dos fogosos ramos e do toucado de pinhas que a chuva apodrecera um pouco e que começavam a cair. O solo era arenoso, um céspede brilhante e líquido brotava entre as raízes do tojo, e nada mais comovente para Amélia do que o ruído dos passos que pisavam a agulha seca, a gorda folhagem da chorina, a açucarada contextura da areia pálida e húmida. Ela marchava devagar, com o seu ligeiro pisar, próprio das pessoas a quem o movimento assusta e que vivem sedentariamente; era a segunda vez que andava sozinha no pinhal circundado por esteios de pedra onde se prendia velho arame farpado; e, como acontece com as mulheres caprichosas, gostava de contemplar-se no seu retrato bucólico e triste, guardando, porém, no fundo do coração, a certeza duma breve comédia e dum desfrute da natureza sem qualquer convicção. Quando se extrai uma surpresa duma insignificância, isso equivale a receber uma lição gratuita aparentemente, mas em cujo acaso não se acredita. Tal é a alma do homem — duvida sempre da simplicidade dos factos sucedidos no âmbito do seu próprio ser; o natural não acontece senão no reino bruto, a razão não nos incita ao que é natural, mas ao que é possível.

Por isso, nesse fim de tarde esplêndido e cheio duma amplidão de ribeira, de foz, de dunas vestidas de juncos, de pinhais crespos de pedra, quando Amélia deparou com o pequeno maçarico aninhado na areia, ficou surpreendida e encheu-se dum receio inexplicável e quase hostil; depois observou-o melhor e deixou-se fascinar pelo jogo e a arte da ave amedrontada. Sem tentar voar, sem deixar a sua cova, que parecia feita com a pressão da palma da mão, o maçarico levantava a cabeça, com regularidade, expondo aos olhos do intruso o seu pescoço fino, cinzento-claro. Via-se apenas o ligeiro tremor das penas, o estremecimento serpentino, paciente, extenuante; e a areia confundia o colo pálido, o corpo fino todo estendido como uma cobra inquieta balançando-se sobre o ninho. Era uma ave inofensiva, que começava a ser perseguida à beira-rio, antes da abertura da caça; serviam-se dela como alvo para experimentar a pontaria, e havia larga matança desses habitantes da várzea, cujos corpos sem vida mergulhavam com um baque frouxo, como uma pedra que se lança a pequena altura da água. Ali estava o maçarico surpreendido no seu esconderijo, defendendo-se com o movimento que o apagava da superfície do solo, que o encobria na extrema evidência da sua plumagem. Amélia recuou pé ante pé; profundamente ociosa, cultivava a sensibilidade e entregava-se a recreios como esse, o de meditar o encontro com as aves e encontrar-lhes exemplo e significado. Era uma mulher como ela que os homens gostam de ter disponível, porque lhes faz acreditar num mundo em que sempre são profanos, pois ninguém pode ao mesmo tempo competir e amar, ter uma profissão e existir. Quem era Amélia? Analisemo-la agora que ela se retira cautelosamente e cheia de apuro para não alarmar mais o maçarico já rodeado de sombras. Uma mulher que a idade ia tornando quase corpulenta, com essa tez fina e ainda transparente própria da virtude premeditada; ia cumprir sessenta anos, e peço aqui que compreendam esta preferência por uma personagem que não interessa insistentemente senão ao seu dentista, mas, antes do meio século, meus amigos, ninguém tem história. A história duma mulher galante, dum político, dum artista ou até dum homem comum é, acima de tudo, a história da sua consciência, movida não só por circunstâncias, mas também pela sua realidade como ente de memória, como testemunha. Aos quinze anos tem-se um futuro, aos vinte e

cinco um problema, aos quarenta uma experiência; mas antes de meio século não se tem verdadeiramente uma história. Esta mulher, Amélia, que se retira cautelosamente da sua bouça de pinheiros para não perturbar mais a ave aninhada na areia, tinha chegado a uma estranha instância de espírito: o temor de que se pervertesse a sua lucidez. O contacto com o medíocre engendra a má-fé, mas o convívio com o que é simples estimula a paciência. Amélia sentou-se à porta da sua sala, que o fumo dum Inverno tinha maculado, e pousou as mãos abertas sobre os joelhos, como faziam as suas velhas avós e parentas sempre activas, para condescender ao repouso. Era assim que elas se deixavam fotografar, com as duras mãos caídas sobre a saia preta, com o seu sorriso irónico e algo tímido, tendo nos olhos a permanente vigilância dos filhos, dos gados, dos trabalhos interrompidos; de facto nunca estavam ausentes da sua ocupação, não conheciam a diversão, o entretenimento ou a folga; mudavam continuamente de canseira, e mesmo quando vinham sentar-se para a soleira, com o velho avental puído no bolso pelo roçar das chaves, elas pareciam apenas cumprir uma diligência mais em que agrupavam as lentas conversas do entardecer com os vizinhos que voltam dos campos, os compradores de leite, os negociantes de vinho, os barbeiros que passam no fim do sábado com os seus sabões e navalhas, a pedrinha de sublimado e o pequeno boião de brilhantina verde. Amélia era natural duma aldeia situada para além do monte do Faro, de acesso picado entre pinhais e pedreiras; chegados à orla superior das matas, via-se toda a vila marítima, com os seus chalés tristes, as torres da igreja, as campeiras dunas onde os antigos pinhais tinham sido devastados. Amélia, antes dos doze anos, entrou de serviço em casa duma ama de lavoura que a ensinou a cozer o pão e a cozinhar. Contratar-se a soldo de estranhos não significava servidão. Era comum que as filhas de caseiros ou pequenos lavradores, sujeitas pelos pais a um trabalho árduo e que pagavam o azeite da candeia com o lucro de fiar ou bordar, e pagavam igualmente o vestuário e o sabão que gastavam, preferissem assalariar-se nas casas dos seus iguais, onde obtinham vantagens mais justas. A mãe pagava a criados, por sua vez, e essas filhas-família, afeitas à aspreza e impacientes por ganhos proibidos no lar, entravam valentemente ao mando das amas tão severas quanto a mãe, mas que pu-

nham no trato com elas essa espécie de benevolência patronal que se emprega para com alguém a quem se confia a fazenda sem ter pelo meio a obrigatoriedade dos sentimentos. Amélia tinha os dedos golpeados continuamente pelas afiadas facas, enegrecidas pelo suco das batatas, e andava sempre descalça. Mas não se queixava. A ama era uma mulher nova, de cabelos riçados e ásperos; de natureza jovial, ouviam-se as suas risadas cordiais onde quer que ela pisasse, embora tivesse um mau fado sobre a sua casa e uma espécie de sentença trágica caísse invariavelmente em todos os seus filhos. A mais nova morrera queimada ao atear-se-lhe o fogo nos vestidos — e muito penara a pobre com a carne cicatrizada e sem poros e que se lhe abria como papel para deixar manar uma água sem cheiro. Terrível essa agonia de criança cujos olhos interrogam e que se velam cada vez mais. A mãe não parecia sofrer; aguentara semanas de vigília, não dormia nunca, comia severamente com uma decisão quase abjecta, para sobreviver e estar presente. Possuído duma dor mais delicada, da inteligência da dor, o pai arremessava-se para fora do quarto, e tremia; Amélia vinha espreitá-lo, com essa avidez de instrução própria das crianças que surpreendem os adultos desprevenidos nos seus segredos, desfrutáveis nas suas aparências. A morte daquela filha — que vinha consagrar uma sorte macabra sobre a sua geração, pois o rapaz mais velho nascera incapaz, baboso, com o longo queixo do degenerado, os braços baloiçantes, e havia ainda uma rapariga que não ouvia nem falava — trouxe ao pai uma espécie de pavor. Parecia no entanto muito normal, progredia nos negócios, a sua propriedade rendia, o seu trabalho era compensado; a fria alegria da mulher, a sua gargalhada prolongada numa espécie de canto agoirento exasperavam-no agora. Amélia encontrava-o sozinho a derribar árvores das suas bouças e ele parecia-lhe lamentável com os cabelos molhados de suor, arquejando cada vez que assentava o machado na madeira. Fazia o trabalho de três homens e procurava pretextos para não parar nunca. Não havia ninguém mais exemplar nem mais apto para representar o varão prudente; o seu lugar na igreja, à direita do sacrário, era quase apontado aos pequenos e ranhosos catecúmenos que se empurravam nas bancadas pintadas dum castanho ferrugento. Chamavam-no para louvado de terras e haveres, para defensor de causas justas, para medianeiro de

casamentos difíceis, para pacificador de filhos rebeldes. Com o seu fato preto e o seu chapéu de abas direitas e a grande cadeia de ouro sobre o colete, ele passava segurando a borla dos caixões em que se amortilhava um defunto considerável, passava segurando a vara do pálio nas procissões, ou entrava nos solares dos brasileiros onde uma arara verde, no átrio de mosaicos cor-de-rosa, debicava o pio-lho da plumagem. Era amo condescendente, rico sem soberba, marido invejável, e resignado pai daquele moço sorridente que lhe pedia a bênção dez vezes ao dia e que se ajoelhava nos cantos como se estivesse perante os altares.

— Não rezes tanto, Damião; de que serve rezar? — dizia-lhe, às vezes, com uma melancolia que tinha algo de tímido. Falava em surdina, quase só ao ouvido do idiota, que o contemplava com os aguados olhos mortos, e que sorria sempre.

De noite, com o pretexto de que guardava o meloal ou tinha de afugentar os pilhas das bouças, levantava-se e corria a casa toda, que fora refeita três vezes e que duas vezes ardera completamente. O seu grande capote, que cheirava a fumo, arrastava suavemente a fímbria esfiapada; Amélia sentia uma ânsia, apetecia-lhe voltar para junto da mãe, voltar aos tempos em que ela lhe penteava os cabelos e lhe fazia a trança atando-lhe na ponta um rodilho de estopa. E os irmãos — como lhe apetecia voltar a vê-los, trazer aos ombros o mais pequeno, que se não desmamara ainda e cujos calcanhares sujos lhe batiam no peito quando ela corria, como as baquetas dum tambor. Às vezes, a sua urina quente molhava-a como um chuveiro, ela corria mais ainda, soltando gritos ternos e que queriam fingir uma vingança. Onde estavam eles, esses irmãos de calça arregaçada e empunhando sempre o traço de boroa, a maçã bichenta, e que entre si lutavam e se defendiam? Raramente os via, eles cresciam e dispersavam-se e deles só ficava aquele tépido amor de infância em torno dum leito comum, a pobreza cega, as vadias aventuras no seu mundo de medos e animais. O amo passava diante do seu cacifo, ela deitava-se bruscamente para baixo, e uma dor lancinante cruzava-lhe o ventre. Ao lado dormia a pequena surda-muda, dormia cheia dum suspirar e de activos sonhos em que decerto chorava a perda da sua missanga de vidro com que fazia colares e anéis. Uma noite o amo entrou no quartinho, sentou-se no catre alguns momentos, e depois foi-se em-